

PARA NOVA GERAÇÃO, **CABELO CRESPO** É MAIS DO QUE UMA MODA PASSAGEIRA

LIVRES, LEVES E SOLTAS

LUIZA BARROS
luiza.barros@oglobo.com.br

Basta um olhar atento nas meninas que andam pelas ruas para perceber: após anos e anos de um regime despótico, a chapinha já não dita tanto as ordens como antes. Longe de ter surgido como tendência de passarela, o retorno dos cabelos cacheados, crespos e volumosos é o reflexo de uma geração desencanada que faz a busca pela própria identidade falar mais alto do que as prescrições da moda ou da sociedade.

— Me sentia frustrada com meu cabelo. Botei na cabeça que o queria natural de volta. Fui na cabeleireira que fazia relaxamento em mim, e ela disse que eu voltaria chorando. Só aceitou cortar metade do meu cabelo, então tive que ir a outro no dia seguinte para terminar de cortar — diz a professora de inglês Luciene Batalha, de 25 anos, que virou inspiração na internet para meninas que querem fazer a transição do liso para o natural. Ao lado de milhares de garotas, ela faz parte de uma rede de jovens mulheres que trocam ideias em blogs, grupos no Facebook, vídeos no YouTube e encontros presenciais sobre aceitação e celebração dos fios crespos, em um movimento que só agora começa a despertar a atenção da indústria no Brasil.

— Existia no mercado uma carência de produtos específicos para essas mulheres, e nenhuma grande marca havia apostado nesse segmento. Não existia uma conversa direta com essa consumidora — analisa a gerente de marketing da TRESemmé, Nathalie Honda. Após um levantamento que constatou que 54% das brasileiras têm cabelos crespos, a marca lançou o site Meu Crespo, que conta com a colaboração do cabeleireiro Wilson Eliodório e de blogueiras como Rayza Nicácio. A jovem de Campinas, de 23

anos, cresceu ouvindo das tias que tinha cabelo “ruim” e “de bombril” e passou a adolescência privando-se de mergulhos na piscina por causa da escova. Agora, ela arrasta centenas de fãs em eventos pelo Brasil. Humilde, Rayza acredita que o motivo de tanto sucesso se deve à falta de referências sobre o assunto quando ela começou a publicar vídeos no YouTube, em 2009.

— É identificação com tudo que eu passei, pela falta de amor próprio que eu tinha — comenta ela, que assumiu os fios aos 17 anos ao perceber que, de outra forma, não teria como participar de uma semana em um acampamento.

A confiança na beleza do cabelo, infelizmente, não faz com que as meninas fiquem livres de atos de racismo. A analista financeira Alê Hammond coleciona provocações que teve que ouvir tanto antes quanto depois da chapinha.

— Decidi alisar por causa do bullying que sofria na escola: diziam que meu cabelo era de vassoura. Depois, liso, as pessoas começavam a gritar quando chovia, dizendo que ele ia encolher. Quando voltei com o volume, ouvia de superiores de um emprego anterior que ‘daqui a pouco não iam conseguir entrar na minha sala, de tanto que o cabelo crescia’ — relata a carioca de 29 anos, que deu fim aos fios alisados por conta própria quatro anos atrás, com a tesoura de costura da mãe.

Para Rayza, ter o cabelo natural, mesmo que só por um tempo, é também uma forma de autoconhecimento. Parte de uma geração que começou a fazer procedimentos capilares ainda na infância ou na adolescência, ela fez o seu primeiro relaxamento para reduzir o volume aos 9.

— Não sou contra o uso de química. Acho que a pessoa deveria conhecer o seu cabelo para daí ter a possibilidade de escolher. O problema é que as meninas crescem ouvindo que o cabelo não fica bom do jeito que ele nasceu. ●

A BLOGUEIRA Rayza Nicácio faz sucesso com seus cachos na internet

REPRODUÇÕES



NA BUSCA POR PRODUTOS CERTOS

Assim como todas as outras entrevistadas, a analista financeira Alê Hammond não acredita que o cabelo crespo seja uma tendência cíclica, resultante da superexposição dos cabelos lisos.

— Ainda estamos muito focados no que a moda quer propor, e não no que a pessoa quer ser. Muita gente vê o cabelo crespo como uma tendência, eu vejo como uma forma de aceitação.

Expert em cabelos crespos e cacheados e responsável pelos fios de Taís Araújo, Wilson Eliodório também acredita que a discussão vá além da moda passageira.

— Tem toda uma conjunção social e política, da mulher que tem orgulho da raça. Outra questão é que é sempre mais fácil ter o seu próprio cabelo, com o qual você pode entrar no chuveiro a qualquer hora. E vejo um movimento pelo natural de forma geral, como nas mulheres que assumem os fios brancos — observa.

Apesar do cenário, ainda é difícil saber em quem confiar na hora de tratar dos cabelos naturais. Moradora de Lorena, no interior de São Paulo, a jornalista Sabrinah Giampá resolveu fazer cursos de cabeleireira para poder informar melhor as leitoras do seu site, o “Cachos e Fatos”. Agora, não só dá dicas de produtos e tratamentos como compartilha as histórias por trás dos caracóis de suas clientes.

— As empresas nacionais ainda estão a anos-luz do que temos nos Estados Unidos. Mesmo produtos destinados a cabelos do tipo nem sempre fazem bem: usam compostos que são



PARA ALÊ Hammond, o crespo não é tendência, é aceitação

DANIEL BORGES ZAGO



A JORNALISTA Sabrinah virou cabeleireira para escrever sobre o tema

mais baratos e funcionam como uma maquiagem. — alerta Sabrinah.

Já para Wilson, o que falta é a profissionalização nos salões de beleza.

— São poucos especialistas, e o alisamento é um “bate-caixa” do salão. Quando

opta-se pelo crespo, é preciso dar mais atenção para a cliente e a rotatividade diminui. Mas estamos em um caminho legal: na hora em que o público deseja, a indústria oferece o produto e passa o conhecimento aos salões, por meio dos educadores. ●

peruca 30.0095
braceletes 10.2193

fiszpan.com.br